

TEXTO TEATRAL

- VERSÃO REVISADA -

3 GUERREIRAS: DO FOGO, DA ÁGUA E DA FÉ

Autor: NATAN DUARTE

Revisão e colaboração:

JULIETE NASCIMENTO, XAN DE MARIA, IRAN COSTA E QUILOMBA VALÉRIO

Maria Felipa

(Texto em primeira pessoa) (Adereços: bacia, balde com água, saia rodada, torso e rede de pesca)

Maria Felipa - Sou filha do mar da Bahia. Mar que me banhou, que me defendeu, Mar de onde colhi o meu sustento. E foi por este mesmo mar, que barcos cheios de soldados portugueses invadiram nossa terra tupiniquim.

(DERRAMA ÁGUA NUMA BACIA METÁLICA. BRINCA COM A ÁGUA).

Minha história se confunde com essas águas. Com a enchente e a vazante das marés.

Sou filha de Arraial da Ponta das Baleias, que hoje vocês conhecem como Ilha de Itaparica, que em tupi, significa "cerca de pedra", devido aos recifes de corais que a rodeiam.

A Ilha de Itaparica tem mais de 36 km de comprimento e uma superfície de 239 km². Atualmente abriga 36 localidades.

Quando nasci? Ahhh... Isso não vem ao caso, até porque ninguém sabe datar, nem mesmo eu. Mas sei que em 1822 eu já estava de pé, e só entreguei meu corpo em 1873.

Sim! Não morri nova, não! Nova eu estava aqui, na beira da maré,, lutando com unhas, dentes e cansaço, pela minha Bahia, pelo meu Brasil.

(PEGANDO A BACIA)

Muitos de vocês nunca ouviram falar sobre mim, e outros tem a imagem equivocada, de uma mulher branca, estudada, com roupas elegantes... Não. Essa não sou eu!

(CAMINHANDO SOBRE OS CAIXOTES)

Eu era uma negra alta, corpulenta, uma mulher de fibra, conhecida por minha grande força física. Se você me encontrasse pelas ruas, me veria vestida com

saia rodada, bata, um lindo torço na cabeça, calçando chinelo de couro... Isso quando eu não estava descalça na praia! Ah... Eu nunca deixei que me tirassem o direito de banhar meus pés calejados no mar.

Quando nasci fui escravizada, mas depois de liberta, a liberdade foi o maior tesouro da minha vida. Fui trabalhadora braçal, capoeirista, pescadora, e marisqueira.

(JOGANDO A REDE AO MAR)

Era chumbinho, marisco, samanguaia, vôngole, camarão, siri, caranguejo... Era ostra, lagosta, lambari, pinaúna, polvo... Era lula!

Como eu amava tudo isso: pescar, mariscar, tratar, temperar tudo... Essa era a minha riqueza: está na natureza. Estar com a natureza, que me fez ser quem eu sou.

A mesma natureza que os portugueses queriam continuar explorando. Eles já tinham sugado tudo da gente e ainda queriam mais!!

Como se não bastasse terem sequestrado minha avó do seu reino e trazido pra cá à força, acorrentada, chicoteada, pra ser escravizada aqui! Até hoje sinto o cheiro do suor de minha mãe misturado com sangue no tronco. Eu, escrava liberta, analfabeta, carrego em mim, a dor de milhares gerações de pessoas negras que não eram vistas como gente.

Eu não ia ficar sentada e entregar o meu destino ao acaso. Eu desejava garantir um pedacinho de chão seguro. Meus filhos não iriam viver o que eu vivi, o que minha mãe viveu, o que meus avós e meus antepassados sofreram. Não!

Eu não queria ser guerreira, ou heroína. Eu só queria ser feliz. Mas minhas cicatrizes provaram que a felicidade não é um presente dado, mas um bem conquistado com muita renúncia e muitas lutas.

Em pouco tempo reuni um grupo com mais de 40 mulheres: as vedetas! Vigiávamos a praia dia e noite, e a fortificamos com trincheiras para prevenir a chegada do exército inimigo.

Como estratégia, dançávamos na praia de modo insinuante e envenenávamos as bebidas. Como eles ficavam muito tempo no mar, em terra, não recusavam uma bebida com as mulheres da ilha.

Quando os portugueses se aproximavam, atirávamos os molhos de cansaço! Era uma agonia, era um coça-coça, era uma surra de cansaço!!

A ilha era um local estratégico para portugueses e baianos, pois ficava no caminho entre a foz do Rio Paraguaçu e a Baía de Todos os Santos, por onde entrava a maior parte dos alimentos que abasteciam a cidade de Salvador, já não chegavam do sertão por terra, pois o general Pedro Labatut, que comandava as tropas brasileiras, haviam formado uma barreira em Pirajá.

A nossa campanha reuniu indígenas, negros libertos, escravizados e alguns portugueses a favor da independência. Durante o tempo que durou nossa batalha, queimamos cerca de 40 embarcações.

Acha que estou exagerando? Talvez...

Talvez não tenham sido 40... Talvez nem todos tenham sido queimados... A verdade dos fatos ninguém nunca saberá. Pra vocês, faltam provas documentais. Mas, qual homem branco, português, registraria a derrota portuguesa liderada por uma mulher, negra e marisqueira?

Há muitas lacunas nos livros de história e cabe a vocês questionarem essas narrativas...

Bem, se eu existir de fato? Não encontrarão minha certidão de nascimento, fotografias empunhando facão ou baioneta em nenhum museu...

Mas, se perguntarem pela Ilha, pelo recôncavo, em Cachoeira, me chamarão de Maria Felipa de Oliveira! Mulher, negra, capoeirista, marisqueira, heroína da independência!

(MÚSICA)

Joana Angélica

(Texto em terceira pessoa) (Uso de Abayomis) (Adereços: Manto azul, terço, vários livros, jornal)

Maria Felipa / Maria Quitéria (lendo jornal) - Nos primeiros dias de insegurança e medo que tomaram conta da cidade da Bahia, em fevereiro de 1822, a abadessa Joana Angélica se tornou a primeira heroína e mártir da independência.

O general português Madeira de Melo enfrentava a oposição do comando dos militares brasileiros com violência. Durante o ataque ao quartel da Mouraria, os soldados portugueses tentavam invadir o Convento da Lapa em busca de armas e inimigos supostamente escondidos.

Já com 60 anos e pela segunda vez na direção do Convento, a religiosa tentou impedir a entrada de soldados no ambiente feminino...

(MUSICA INSTRUMENTAL) (REZA UM TERÇO ENQUANTO VESTE O MANTO) (DURANTE A CENA USA AS BONECAS)

Joana Angélica manipulando abayomis no cenário - Joana Angélica nasceu durante o período colonial, em Salvador, em 12 de dezembro de 1761.

Seu pai, José Tavares de Almeida, nasceu no Vale de Cambra (em Portugal) e foi batizado na igreja de São Pedro de Castelões em 5 de setembro de 1728. Foi capitão do exército português, posteriormente enviado para a Bahia. Aqui, se

casou com a soteropolitana Catarina Maria da Silva, na Igreja de Nossa Senhora da Piedade dos Frades Capuchinhos, em 30 de janeiro de 1758. Tiveram um filho homem, Domingos Tavares da Silva e Almeida, que também serviu a Portugal e chegou até o posto de capitão. Enfim, foram uma família rica da capital baiana.

Mas a nossa história não falará dos homens soldados. Falaremos da mulher de fé.

(MUSICA)

Joana Angélica tinha 20 anos, quando foi aceita, em caráter de exceção, para o noviciado no Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa em 1782. A profissão da fé foi feita no ano seguinte, quando ingressou como irmã da Ordem das Religiosas Reformadas de Nossa Senhora da Conceição e passou a se chamar Joana Angélica de Jesus. Dez anos depois, foi escrivã do convento, depois foi escolhida abadessa, a madre superiora do mosteiro.

A madre Joana Angélica era muito estimada por todos da cidade baiana, por sua dignidade, suas qualidades e seus conhecimentos. Naquela ocasião, a madre e as irmãs estavam voltadas para as orações e pediam a intervenção de Nossa Senhora, nas causas da Pátria.

Mas do outro lado do atlântico outra história estava sendo escrita... e Joana Angélica iria, tragicamente, fazer parte dela...

Depois do retorno de D. João VI a Portugal, em abril de 1821, e com a atribuição da regência a D. Pedro, as cortes constitucionais portuguesas exigiram também a partida de D. Pedro com a pretensão de recolonizar o país. As notícias repercutiram como uma declaração de guerra, provocando grande tumulto e manifestações de desagrado.

Até que no dia 31 de janeiro de 1822, uma nova Junta de Portugal foi eleita e no dia 11 de fevereiro chegou da Europa a notícia da nomeação do general lusitano Inácio Luiz Madeira de Melo, para comandante das Armas da Província.

O general português Madeira de Melo enfrentava a oposição do comando dos militares brasileiros com violência. Foi então, que durante o ataque ao quartel da Mouraria, os soldados portugueses tentavam invadir o Convento da Lapa em busca de armas e inimigos supostamente escondidos. Os soldados portugueses, a golpes de machado, derrubaram os portões e invadiram o Convento da Lapa.

Aqui a história se divide em duas. Segundo a história lusitana, agentes baianos do partido reacionário (pró-Independência) haviam se escondido no convento e atirado nos soldados de dentro do edifício. Mas a história brasileira contesta essa versão... Os historiadores brasileiros afirmam que as tropas portuguesas estavam entrando em diversos edifícios, praticando roubos e até mortes, com o pretexto de que tiros eram dados de dentro de determinado local; assim como acontecera com o convento. 'Soldados invadindo localidades atirando e matando inocentes e dizendo que foi troca de tiro'...

(ABRE E LÊ JORNAL)

- O jornal *Diário da Bahia* publicou anos mais tarde a descrição da crise política e excessos cometidos pelos soldados lusitanos: *“A cidade surpreende-se com a designação de Madeira de Mello para o comando das Armas da Província. Vitoriosos, os comandados de Madeira apossam-se da cidade (...) ódio e vingança. Incêndios e saques. Selvagerias e homicídios”*

Mas voltemos ao fatídico dia...

Em 20 de fevereiro de 1822, entre 11 horas e meio dia, um grupo de soldados conseguiram arrombar o portão do convento com uso de machados...

Fujam! Fujam todas! Saiam pelos fundos! Protejam-se!

“Para trás, bandidos covardes! Respeitem a casa de Deus! Só penetrareis nesta casa passando por sobre o meu cadáver.”

Mas os homens não temiam a ela ou a Deus e Joana Angélica morreu aos 60 anos atingida por um golpe de baioneta quando resistia à invasão pelas tropas portuguesas ao Convento da Lapa, em Salvador.

(REZA. MUSICA INSTRUMENTAL)

Maria Quitéria

(Misto entre primeira e terceira pessoa) (uso de vídeo-projeção durante toda a cena mostrando pinturas e textos)

Maria Quitéria – Disseram que eu nasci em um corpo errado. Por motivos criados por aqueles que se dizem os donos do mundo, disseram que este corpo não me servia. Mas esse corpo não serve a você!

No topo da cadeia social está o macho branco hétero ditando as regras de conduta, de vestimenta, corpo, de tom e timbre de voz, os monarcas supremos. E tanto faz se isso é agora ou antes, se aqui ou lá. Sempre fomos vigiadas e colocadas num canto escuro e estranho. O que eles temem? Ninguém aqui quer ser você! Ninguém aqui quer ter o que você tem ou viver como você vive. Aqui existem pessoas que, como você, só desejam ser elas mesmas, ter o que lhes é de direito e viver como querem.

Todos! Todas!

Todes! Todes!

Isso te ofende?

Pois vamos falar um pouco da evolução da língua. Não estou aqui tratando simplesmente da língua portuguesa, mas da língua em sua amplitude e pluralidade. “Vós micê”/“você”; “vamos em boa hora”/“vambora”/“umbora”/“bó”. Presidente ou presidenta? “estudante, estou de olho em você!”. Nesse caso, eu falei para ‘ele’, para ‘ela’, ou para “elu”?

Pois é, por mais que você queira enxergar e tratar o mundo exclusivamente através de sua lente, o mundo é muito mais do que o seu quadrado.

E quando você fala em tradição? Açoitemos os negros no tronco, então. Era algo comum em 1700. E que tal impedir as mulheres de votar?

Por causa de pessoas como você Maria Quitéria precisou se vestir de homem, porque no exército ela era impedida de entrar. Uma mulher, uma guerreira, muito mais homem do que muitos homens que queriam coloca-la em um tanque de lavar roupa e um fogão a lenha. Não, Maria Quitéria, como tantas outras Marias, tinha muito mais a oferecer, muito mais a fazer.

Maria Quitéria de Jesus nasceu na região que hoje conhecemos como Feira de Santana, em 27 de julho de 1792. Foi a filha primogênita de Gonçalo Alves de Almeida e de Quitéria Maria de Jesus. Sim, ela teve pai e mãe. E é importante sabermos deles, como é importante saber que antes de nós vieram nossos pais, e antes deles nossos avós, e outros antes deles também vieram. Não estamos aqui a toa. Muitos batalharam e hoje somos os sonhos que eles sonharam.

(VIDEO)

“Aos vinte e sete dias do mês de Julho de mil setecentos e noventa e oito, na Capela de S. Vicente, filial dessa Matriz de licença minha, o Reverendíssimo Manoel José de Jesus baptizou solemnemente e poz os Santos Oleos a Maria, Maria, filha legítima do Gonçalo Alvares de Almeida e de Quitéria Maria de Jesus. Foram padrinhos, Antonio Gonçalves de Barros e sua irmã Josefa Maria de Jesus, moradores na freguezia de Agoa Fria, nada mais desta do que tudo para constar fiz este assento que por verdade assino. O vigario Miguel Ribeiro de Lima” (Livro de Baptizados de São José das Itapororocas, no arquivo da Secretaria do Arcebisado).

- Ah, que delícia ler esse texto datado de 1798 e ver como nossa língua mudou de lá pra cá.

Maria Quitéria ficou órfã de mãe, e depois faleceu também a sua primeira madrastra. Nessa ocasião registrava-se que a família possuía:

(VIDEO)

“Além do gado vacuum e cavalos avaliados em 173 mil réis, possuía 5 escravos: José Angola, Antônio Congo, Agostinho Mina, Antônio Cabra e Antônio Angola, todos num total de 590 mil réis. Em terras, o sítio do Licorizeiro, para criação de gado, avaliado em 200 mil réis; a casa de morada, coberta de palha, avaliada em 10 mil réis; uma roda de ralar mandioca em 6 mil réis e um tacho de cobre em 6 mil réis”

- Porque é tão importante saber esses dados? Para contextualizar.

Maria Felipa - Maria Felipa, negra, escrava liberta, marisqueira;

Joana Angélica - Joana Angélica, freira, de família abastada, pai português.

Maria Quitéria - Maria Quitéria, filha de dono de escravos. O que elas tem em comum:

Maria Felipa / Joana Angélica / Maria Quitéria - O sonho de liberdade transformado em luta!

Maria Quitéria - O pai de Maria Quitéria se casou outra vez, teve mais filhos. A família cresceu. Os bens se multiplicaram. Mas Maria Quitéria cresceu analfabeta. Segundo Maria Graham, que registrou a conversa que teve com Quitéria em seu livro Diário de uma viagem ao Brasil:

“Ela é iletrada, mas inteligente. Sua compreensão é rápida e sua percepção aguda. Penso que, com educação, ela poderia ser uma pessoa notável. Não é particularmente masculina na aparência; seus modos são delicados e alegres”

- A essa altura vocês já devem ter percebido que estamos aqui falando das mulheres que fizeram a independência, independência de todas as formas que podiam fazer. Já sabem que na Bahia, que abrigava uma expressiva elite portuguesa, as agitações de além-mar reverberaram na forma de lutas civis, principalmente entre os anos 1820 e 1822.

Pois bem, em setembro de 1822, a fazenda Serra da Agulha recebeu a visita de um emissário, que visava recrutar voluntários para engrossar as fileiras dos batalhões reunidos no Recôncavo contra as tropas portuguesas.

Quitéria se dirigiu então a casa da irmã, que era casada e vivia a uma pequena distância, e lhe contou que queria se juntar as tropas. Sua irmã lhe emprestou roupas de seu esposo, e ela se alistou como sendo José Medeiros. Lutou bravamente sob um disfarce que durou algumas semanas. Foi seu próprio pai que a denunciou ao exército. Ao ser descoberta, devido a seus feitos heroicos em batalha, sua habilidade com armas e a sua disciplina, manteve o título de cadete e recebeu uma espada. Ah, recebeu também uma saia e outros adereços. Essa mulher, Jose Medeiros, ou esse homem Maria Quitéria, defendeu regiões como Ilha de Maré, Pituba e Itapuã, recebendo como honraria a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. Inspirou outras mulheres a se alistarem que seguiram sob seu comando.

Se ela casou? Se teve filhos? Quando morreu? Onde foi enterrada?

Poderíamos ficar aqui horas e horas falando dela mas, se eu tudo lhe contasse o que lhe sobraria de curiosidade?

O que fica de verdade disso tudo é que, independentemente de sua origem, de sua cor de pele, de sua fé ou religião, do seu gênero ou da sua sexualidade, você é importante. Basta você olhar a sua volta e você verá que ainda há muito a ser feito para conquistarmos nossas diversas facetas do que chamamos de *independência*.

(MÚSICA)